

## RENDAS, TRANÇAMENTOS E O SENTIMENTO DO BELO


Leahy, Renata Costa; PhD; Faculdade Unime Salvador, renatagr@gmail.com<sup>1</sup>

### RESUMO

Este trabalho propõe uma investigação reflexiva sobre a dimensão da beleza relacionada às rendas, especialmente no que se refere ao sentimento de arrebatamento, e que eventualmente tangencia a esfera do sublime. A bibliografia corrente, que muitas vezes se apresenta difusa, se volta ora aos aspectos técnicos – de pontos e motivos, de tipos e suas diferenças –, ora ao seu importante processo histórico – desde os meandros da descoberta das origens das rendas aos processos de migração e rearranjos socioculturais aos quais são inevitavelmente levadas quando de suas práticas nos locais em que passam a ser adotadas. Os processos de trançamento de fios remontam sociedades tradicionais humanas das mais antigas (RAMOS, 1948), originando tipos próximos ao macramê, mas cujas formas mais popularmente conhecidas hoje como *rendas* teriam surgido no século XV, entre Itália e Bélgica, e se espalhado, em prática e tipos, por outros países europeus. Rendas de trançados à mão, de agulhas e de bilros originaram tipos como renascença, irlandesa, tricô, crochê, filé, crivo e nhanduti (FELIPPI, 2021). Ao chegarem ao Brasil, a partir do século XVII, assumiram, inicialmente, características locais, em materiais e modos de fazer. Desse processo, destaca-se a destreza manual, capaz de produzir dos mais simples aos mais complexos trançamentos de fios, que atraem o olhar e o toque. Pretendemos observar a temática das rendas envolvendo-as nas discussões referentes à estética, entendendo-a como ciência do sensível, buscando compreender os meandros do sentimento de beleza proporcionado pelas rendas. Se, junto a Kant (1984), podemos

---

<sup>1</sup> Doutora pelo Pós-Cultura/UFBA, em co-tutela com a Université Paris X, França. Bacharela em Artes - Políticas e Gestão da Cultura (IHAC/UFBA) e em Jornalismo (FTC). Membro do grupo de pesquisa Corpo e Cultura (CNPq-UFRB/UFBA). Membro da equipe da revista Plural Pluriel - revue des cultures de langue portugaise. Professora do curso de Jornalismo da Unime Salvador.





16º

COLÓQUIO  
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE  
DE 09/09 A 13/10 DE 2021

considerar o belo como um sentimento oriundo de um prazer desinteressado do indivíduo, desvinculado de um conceito, não podemos deixar de considerar também a dimensão cultural que está inevitavelmente implicada nesse interesse individual. A partir de um certo caráter comunicacional do gosto – que não se refere propriamente a preferências estéticas idênticas, mas a “um mesmo padrão de julgamento” (VALVERDE, 2007) que acontece na cultura –, podemos colocar, em um primeiro momento, as acepções positivas a respeito das rendas quando consideradas símbolo de beleza ligada ao luxo entre as cortes europeias (como nos rufos) no século XVII. Em um segundo momento, contemporâneo, podemos relacionar a ideia coletiva de beleza sobre as rendas ao “feito à mão” e ao “tradicional”, que voltaram a ser estimadas pelo mundo da moda, após um período de desvalorização frente aos produtos industriais durante a primeira metade do século XX. De todo modo, uma terceira via deve ser considerada: aquela que relaciona o apreço, e a ideia de sublime, que parece se vincular às artes das mãos, a essa capacidade humana complexa que resulta materialmente nos trançados que se apresentam como rendas, e dos quais os olhos não conseguem decifrar a técnica, mas senti-la enquanto belo.

**Palavras-chave:** rendas; beleza; estética.

